

CAETANO MOURA, MÉDICO

Autor: Cláudio Veiga (da Universidade Federal da Bahia e da Universidade Católica de Salvador)

Em 1980, fará dois séculos que nasceu uma das grandes expressões da cultura baiana – Caetano Lopes de Moura. De origem humilde, homem de cor, tornar-se-á uma das mais singulares figuras de nossas letras, sendo vasta a sua produção, toda ela escrita e publicada em Paris. Apesar da importância e variedade de sua obra, foi tardia sua incursão na literatura, tendo quase sessenta anos, quando é publicado seu primeiro livro, uma tradução de Walter Scott. Foi um médico que se tornou escritor.

A começo, Caetano queria ser professor. Aos olhos de seu pai, o carpinteiro Maximiano Lopes de Moura, e segundo o testemunho de Vilhena, tal profissão, naqueles rudes tempos, não era bem conceituada, na Bahia. Atraído pela medicina, esquecerá sua primitiva e desprestigiada vocação.

A causa próxima de sua atração pela arte de curar foi uma pleurisia de que enfermou, **pleuris** – como então se dizia. Preso ao leito, sentiu-se como um campo de batalha em que se defrontavam doutrinas médicas em luta na Europa, mais precisamente na Escócia. Os dois médicos que o assistiam, cada qual seguia uma escola diferente. Um, o dr. Antônio Ferreira França, adotava os ensinamentos de J. Brown. O outro, o dr. Portela, era partidário de W. Cullen. Embora fingisse acatar o tratamento imposto pelo discípulo de Brown, era para Cullen que iam as preferências de Caetano. Vai a ponto de ler um tratado deste último cientista, livro que, conforme a devassa da Conjunção dos Alfaiates, figurava na biblioteca de Cipriano Barata. Acometido pela doença e doutrinas conflitantes, resolve tornar-se médico.

Não muito depois de seu restabelecimento, parte Caetano para a Europa, levado por dois motivos – estudar medicina e conhecer a França, dupla ambição acima de suas possibilidades, mas que realizou. Depois de curta estada em Portugal, desembarca na França, em 1803. Estuda primeiramente em Ruão. Não possuía aquela cidade faculdade de medicina mas era servida por um excelente hospital que, com acréscimos, ainda funciona.

Aluno de cirurgia, estudou anatomia, química, botânica. Teve como professor Laumonier que, além de sua fama como cirurgião, confeccionava, com cera colorida, perfeitas peças anatômicas. Distinguiu-se como bom estudante. Um jornal da cidade (Journal de Rouen, 24-VII-1805) estampa seu nome numa relação de alunos premiados.

Certamente já se encontrava, desde 1807, em Paris. Estudou na Faculdade de Medicina e no Hospital de Vai-de-Grace. Na Faculdade, foi companheiro de José Antônio Soares de Sousa, pai do futuro Visconde do Uruguai. Um de seus professores foi o Barão Percy, cujo nome está gravado no Arco do Triunfo. Por motivos desconhecidos, Caetano não estava normalmente inscrito, já que seu nome não consta do livro de matrículas da Faculdade.

As guerras de Napoleão levam-no a ingressar no serviço médico militar. Com efeito, invadido Portugal pelas tropas de Junot, dissolvido o exército local, organizou-se um corpo expedicionário – a Legião Portuguesa, que deveria incorporar-se na França aos exércitos napoleônicos. Mediante concurso, Caetano é admitido como cirurgião-ajudante, devendo agregar-se à Legião Portuguesa que já estava aquartelada em Grenoble. Esteve a serviço do exército francês de 1808 a 1814.

Sob o comando de Napoleão e como cirurgião-mor da Legião Portuguesa, participa da campanha contra a Áustria, em 1809. Ao lado de seus companheiros de farda, anda centenas e centenas de quilômetros, através do território francês, alemão e austríaco, havendo penetrado em regiões pertencentes, em nossos dias, à Tchecoslováquia. Não faltam oportunidades para entrar em ação.

Acampando o contingente português em inóspitas margens do Danúbio, perto de Viena, grande parte dos soldados e oficiais é acometida de febres. Desdobra-se Caetano para atender aos doentes, suprimindo as deficiências da farmácia com recurso a plantas medicinais, colhidas na região. De passagem pela Alemanha, formula as receitas em latim, conforme o uso do país. De sua assistência aos companheiros subsistem atestados escritos de seu punho: atesta casos de prolapso, afecções cardíacas, luxações, caquexia, etc. Ajuda a organizar um hospital destinado a prisioneiros russos, inspeciona recrutas. Mas o ponto alto de sua atuação no serviço médico militar se situa no dia 6 de julho de 1809, quando, nas proximidades de Viena, é travada a batalha de Wagram, uma das grandes vitórias de Napoleão. Das 10 da manhã às quatro da tarde, atende, sem parar, os feridos que refluíam do campo de batalha. Com a cirurgia de então, desarmada contra a dor e contra a infecção, Caetano corta, serra, amputa, desarticula. Curiosamente, o primeiro ferido que socorreu foi um cirurgião francês; enquanto este praticava uma amputação, uma bala inimiga lhe arrancou a mão, Caetano teve de amputar-lhe o braço.

Distinguem-se vários momentos em sua atividade médica, depois que deixou o exército em 1814.

1. **Em Grenoble.** De 1814 a 1819, aproximadamente, clinicou nessa cidade, antigo quartel-general da Legião Portuguesa. Sua clientela era constituída tanto de gente humilde como de membros da nobreza local. Bem sucedido, conseguiu amearhar pequena fortuna de uns vinte mil francos.

2. **Em Paris.** Talvez tenha encontrado alguma dificuldade em Grenoble, no exercício da medicina. Por não possuir o grau de Doutor. Transfere-se, em 1819, para Paris, a fim de regularizar sua situação. Na Capital, sua nova clientela é composta de membros da colônia luso-brasileira, sobretudo representantes da nobreza lusitana. Ao atender o caso de uma pequena paciente, acometida de encefalite, integrou uma conferência médica da qual participou o célebre facultativo Dupuytren. Parece que, em Paris, a prática da medicina lhe foi magramente rendosa. Em 1824, busca melhores dias em Portugal.

3. **Em Portugal.** Viveu em terras portuguesas de 1824 a 1834. Durante esse período, deu férias à medicina para tornar-se agricultor. Nesse mister, administrou propriedades do Conde de Linhares, no Ribatejo. Voltará, contudo, á medicina, forçado pelas circunstâncias. Com efeito, em 1833, Portugal, além de sofrer os males de uma guerra civil, na qual se defrontavam dois irmãos inimigos, D. Pedro e D. Miguel, é assolado pelo cólera-morbo. Com grande espírito humanitário, deu assistência aos habitantes da região em que morava. Por sua ação, mereceu elogios de D. Miguel, transmitidos pela câmara de Chamusca. Não conseguiu, porém, salvar a esposa. Em 1834, deixa Portugal para estabelecer-se definitivamente na França.

4. **De novo em Paris.** Chegando à França, não pôde debelar o mal que lhe roubou dois filhos – a tuberculose. Para subsistir, não recorrerá a práticas da medicina, mas às letras. Escreveu mais de trinta livros, entre traduções, edições e trabalhos de sua lavra. Foi salvo dessa escravidão pela magnanimidade de D. Pedro II que lhe concedeu uma generosa pensão. Ocupado com a produção literária e com a pesquisa histórica, tarefa confiada pelo Imperador, apenas esporadicamente prestará serviços médicos. Seus clientes são sobretudo brasileiros de passagem por Paris. Seu principal cliente foi o escritor maranhense Odorico Mendes, a cuja família também deu assistência. Em 1851, em carta dirigida a Paulo Barbosa da Silva, antigo mordomo da Casa Imperial, e que voltará a sê-lo, faz minucioso interrogatório médico.

Não escreveu, mas traduziu livros de medicina. O primeiro não foi publicado e os originais certamente se perderam: um tratado sobre feridas produzidas por armas de fogo, livro de autoria do Barão de Percy. A outra tradução se intitula **Arte de se curar a si mesmo de doenças venéreas**, de Godde de Llancourt.

Por ter estudado medicina, foram importantes seus estudos científicos. Tal formação vem à tona em seus escritos, como no livro **Harmonias da Criação**, no qual a informação científica se transfigura em poesia. Em vista de seu tirocínio, cuidou da revisão dos termos científicos e literários do dicionário português-francês publicado por J. I. Roquete em 1841 e continuamente reeditado.

Aos setenta e cinco anos de idade, foi nomeado, por D. Pedro II, médico Honorário da Imperial Câmara. Esta honraria e o fato de ter sido cirurgião-mor da legião Portuguesa são dois grandes marcos de sua vida de médico.

Publicado no jornal "A Tarde" – Salvador, BA, 03.06.1976. Transcrito no Mensário do Arquivo Nacional, ano VII, novembro de 1976.